

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: o percurso profissional e a inserção na Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Água Mansa Coqueiros em Rio Verde-GO. (1997-2015)

Nívea Oliveira Couto de Jesus*

Sebastiana Aparecida Moreira**

Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida***

RESUMO: O texto apresenta os testemunhos históricos dos narradores de acordo com sua verdade em relação ao percurso profissional e a inserção na Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Água Mansa Coqueiros em Rio Verde-GO. O recorte temporal escolhido de 1997, ano em que surgiu a EMREF Água Mansa Coqueiros e também a aplicabilidade da LDB 9394/96, até o ano de 2015. Utilizou-se os pressupostos metodológicos da História Oral e Memória como fontes históricas. As narrativas contaram com entrevistas de ex-professores e professores atuais, que elucidou dados da comunidade escolar para possibilitar a elaboração de documento científico sobre a história e memória da escola.

Palavras-chave: História oral. Memória.

INTRODUÇÃO

Conforme analisa Alberti (2013, p. 33), o trabalho de história oral exige do pesquisador um elevado respeito pelo outro, por suas opiniões, atitudes e posições, por sua visão de mundo enfim. É essa visão de mundo que norteia seu depoimento e que imprime significados aos fatos e acontecimentos narrados. Ela é individual, particular àquele depoente, mas constitui também elemento indispensável para a compreensão da história de seu grupo social, sua geração, seu país e da humanidade como um todo, se considerar-se que há universais diferenças.

Por esta razão, deve-se considerar a pluralidade e a diversidade de versões e experiências no decorrer da análise científica com o devido cuidado, a respeito do objeto

* Mestre em Educação. PUC GOIÁS

** Doutoranda em Educação. PUC GOIÁS

*** Doutora em Educação. Professora PUC GOIÁS.

de reflexão, que são a base para a formulação de abstrações e generalizações, além do estudo e cruzamento das fontes.

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades e hoje, na febre e na angústia. A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro (Jacques Legoff, 2003, p. 469)

Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois (Walter Benjamin, 1994, p. 37).

As narrativas deixam uma clara impressão de como as lembranças desse grupo de professoras ainda estão vivas. Mesmo com o passar do tempo, são capazes de recordar e narrar com clareza muitos aspectos de seus percursos profissionais.

A cultura local revelou uma forma de organização coletiva que incluiu o rural como lugar de pertencimento frente às representações postas pelo mundo social urbano. Para esses professores pertencer ao campo representa suas identidades construídas, mostradas e reconhecidas pela força da oralidade, dos discursos que denunciaram à margem imposta por uma organização baseada na cidade (CHARTIER, 2002, p. 11).

Desse modo, as tradições são entendidas como práticas usos ou representações construídas culturalmente por cada grupo social (CHARTIER, 2002). Para OLIVEIRA, 2004, p. 272, o modo como os professores desenvolveram e fizeram opção de suas práticas sociais figuraram como modos de viver, trabalhar, morar, assim a cultura é sempre tomada como expressão de todas as dimensões da vida, incluindo valores, sentimentos, emoções, hábitos.

Optou-se em destacar percurso profissional dos professores de classes multisseriadas no espaço rural da unidade escolar pesquisada, que ao narrarem suas trajetórias, revisitaram outro tempo e refletiram o aspecto da condição do espaço rural, as dificuldades físicas e adversidades apresentadas para a escolarização.

Desse modo, trabalhar com a memória dos professores, buscando desvendar seus percursos é uma forma eficaz de melhor compreender a profissão docente. Como afirma

Bosi (1994, p. 68), a narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar.

Nesta perspectiva, o tempo das trajetórias investigadas é compreendido a partir do sentido que cada sujeito expressa para sua prática, independente da preocupação com a linearidade dos fatos no tempo, analisadas na sua coletividade, sendo às memórias, narração de uma vida conectada com a narração de outras vidas, numa dinâmica que supõem ir além da sucessão cronológica (FISCHER, 2005, p. 159). À trajetória se entrelaça e constitui posições, codificadas e relacionadas à densidade das memórias. Portanto, utiliza-se a perspectiva do Tempo Social de Halbwachs (2006) ao considerar a convivência social e em grupo como definidora de uma representação coletiva sobre o tempo.

Ao lançar mão da memória para estudos sobre a profissão docente, é necessário considerar que as memórias pessoais não existem isoladas ou autônomas, elas se constroem em função de quadros comuns de referência do grupo social e das ideias compartilhadas por esse grupo. (VIDIGAL, 1996). A análise do caminho percorrido pelas professoras na constituição de sua vida profissional permite a reconstituição dos caminhos da profissão docente.

Bosi (1994), defende a memória coletiva, afirmando que nós não estamos sós nas recordações, na medida em que vivemos em grupos e dependemos de interações. Para ela, a memória coletiva desenvolve-se a partir de laços de convivência familiares, escolares e profissionais e a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. O grupo é o suporte da memória, quando nos identificamos com ele.

Portelli (1997), apesar de afirmar que a lembrança é moldada pelo meio social, não utiliza o termo Memória coletiva, na medida em que acredita que o ato e a arte de lembrar são profundamente pessoais. Para ele,

a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são, assim como as impressões digitais, ou a bem da verdade, como vozes, exatamente iguais. (Portelli, 1997, p. 16)

Com relação às ideias propostas por Portelli referentes à memória social, o processo de reconstrução dos percursos de professores é dinâmico, levando o indivíduo a reconstruir seu passado, à luz de sua posição e de seu amadurecimento no presente.

A ESCOLA RURAL E SEUS PROFESSORES: O PERCURSO ATRAVÉS DAS NARRATIVAS

A Escola Municipal Rural Ensino Fundamental Água Mansa Coqueiros está localizada na região da Água Mansa, por passa um córrego com mesmo nome, por esta razão o nome da escola. Encontra-se há aproximadamente 35 km de distância da cidade, sentido Jataí 33.569 km, entrada a esquerda após o anel viário. Segundo as narrativas a escola foi criada em 1997 por iniciativa da comunidade rural enfrentando dificuldades de infraestrutura diversas. O recorte temporal escolhido de 1997, ano em que surgiu a escola e também a aplicabilidade da LDB 9394/96, até o ano de 2015.

Foram selecionadas quatro professoras que iniciaram suas docências na zona rural, sendo indivíduos de grande importância para a história e memória da EMREF Água Mansa Coqueiros. Neusa Dias de Oliveira, com 18 anos de docência, a ex-professora Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira, com 10 anos de docência, Luci Meire de Oliveira, com 17 anos de docência e Márcia Salustiano Carvalho Leão com 19 anos de docência.

Buscou-se por meio dos depoimentos, detectar o que há de comum no percurso dessas quatro professoras rurais e o que determinou cada uma delas permanecer ou não na escola rural. Todas tiveram suas infâncias na zona rural, porém tiveram oportunidade de estudarem na cidade. Em seus percursos constam o trabalho com as salas multisseriadas. As duas primeiras, Neusa e Telma não atuam mais na EMREF Água Mansa Coqueiros. Neusa depois de iniciar sua docência na zona rural transferiu-se para a cidade, devido seu esposo que era motorista do transporte escolar na época ter sido transferido para a cidade. Atua como na rede municipal de ensino. Telma teve um papel

fundamental na escola, exercendo sua docência em condições precárias de funcionamento. Devido a problemas de saúde, dentre outros deixou a profissão.

[...]. Todos moravam lá na zona rural. Meu marido foi transferido para outro local e eu fui embora também. Viemos para a cidade. [...]. Quando eu ia sair, já estava programado para fazer a escola lá onde ela é hoje, a Escola Água Mansa (Entrevista, Neusa Dias de Oliveira. 2015)

[...]. Quando eu era aluna, procurava ser comportada, fazia tudo que a professora pedia. Tirava notas boas, ontem estava até mostrando para o meu sogro os meus boletins de quando eu estudava. Minha mãe nunca teve que ir à escola para ouvir reclamação. Minha professora, da 4ª série, eu achava bonito o jeito dela dar aula, de como tratava os alunos. A professora Maria Lúcia me incentivou muito. Ainda hoje temos contato. [...]. Eu dividia a quadro para cada série. Planejava a aula escolhendo um tema que abrangesse todas as séries. Por exemplo se eu fosse explicar sobre a água, fazia um plano sobre a água para todas as séries, pois todos vão fazer perguntas, querendo saber o porquê. Se fizer um plano diferente sobre outro assunto você é interrompida o tempo todo. As atividades são separadas. Para os menores eu usava mimeógrafo para fazer as tarefas. Para os maiores eu passava no quadro e usava os livros, procurando atender os chamados a medida do possível. Saí para que as aprovadas no concurso assumissem. Eu até fiquei lá uns dias repassando minha experiência para elas de como trabalhar com uma sala multisseriada. (Entrevista, Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira. 2015)

As professoras Luci Meire e Márcia, atuam como professoras na EMREF Água Mansa Coqueiros até o momento da pesquisa. O modo como as professoras desenvolveram e fizeram opção de suas práticas sociais figuraram como modos de viver, trabalhar, morar.

[...]. Tive dificuldade na minha alfabetização, não foi tranquila, minha tinha que me ajudar, procurar professora particular, pois não memorizava. Depois veio a tabuada, a professora nos colava na frente, parecia até querer que eu errasse. Ela perguntava 7 x 8, eu sempre errava, não sabia. Um dia estava na frente, tão apavorada, pois os colegas estavam esperando que eu errasse para rirem de mim. A professora já estava perdendo a paciência comigo de tanto que eu errava e dizia: Márcia, você tem que colocar a tabuada na cabeça! De repente, (a depoente fez gesto colocando a mão na cabeça) coloquei a tabuada em cima da cabeça. Hoje eu conto isto para os meus alunos esta história e procuro ter muito cuidado para não fazer isto com eles. Não quero que eles sofram o que eu sofri. Então quando trabalho matemática, deixo com que eles contem nos dedos das mãos, dos pés e em qualquer lugar que queiram contar, porque nós não somos iguais. Eu tenho aluno que aprende a tabuada em um mês e outros que não aprendem de jeito nenhum, assim como eu. Então nós temos que buscar as nossas próprias estratégias para conseguir chegar lá e a gente chega. Não podemos desistir e nem ficar tristes quando os outros rirem

da gente. Temos que errar muito para acertar. [...]. Naquela época me matriculei de manhã no científico e a noite no magistério. Mas como eu nunca gostei de química, tinha pavor de química, eu não consegui fazer o científico. Daí eu fiquei com o magistério, achei mais tranquilo, gostava da turma, dos colegas dos professores. Gostei do curso, mas não queria ser professora. Porque o salário de professora era muito pouco. Na época acho que não chegava ser um salário mínimo. Então prestei vestibular para o Curso de Direito, pois acreditava que era o curso que mais reconhecimento. Mas a vida dá muitas voltas. Não consegui concluir o curso. Fui morar na zona rural próximo de escola, que depois veio a ser esta escola. No início meus folhos eram pequenos e não quis trabalhar, mas depois fui convidada para substituir uma colega e começou toda a história. Virei professora! Bem virada! (Entrevista, Márcia Salustiano Carvalho Leão. 2015)

Através das narrativas percebe-se o processo formativo dos professores da zona rural sendo constituídos. Tais narrativas se configuram como essenciais, pois remetem à historicidade e às questões subjetivas do sujeito, apontando para a reflexão sobre o processo de formação.

Dessa maneira as marcas da escola definem o ser. O lembrado e o narrado revelam quem somos, nossas relações familiares, escolar, a nossa relação com o outro, com a cultura. Larrosa (1994, p. 69), aponta que o sujeito se constitui para si mesmo em seu próprio transcorrer temporal, através da memória, do narrado, o eu vai se constituindo temporalmente, carregado de subjetividades.

A cultura local revelou uma forma de organização coletiva que incluiu o rural como lugar de pertencimento frente às representações postas pelo mundo social urbano. Para essas professoras pertencer ao campo representou identidade construída, mostrada e reconhecida pela força da oralidade, dos discursos que denunciaram à margem imposta por uma organização baseada na cidade (CHARTIER, 2002a, p. 11).

[...]. A minha primeira professora. Eu era criança, tinha sete anos. Se chamava Almeri. Me lembro das histórias, dos clássicos infantis, nunca esqueci de como ela contava as histórias. Quando vou trabalhar com meus alunos me lembro dela, das histórias. Me marcou. Minha trajetória escolar foi tranquila, nunca tive problemas na escola, não fui indisciplinada, sendo boa aluna. Meus pais nunca foram chamados para ouvir alguma reclamação. [...]. Olha, eu não sei se hoje eu conseguiria trabalhar com sala multisseriada, porque você tem que trabalhar com quatro séries ao mesmo tempo, temos que nos desdobrar, ou seja, temos que trabalhar uma atividade com variações. (Entrevista, Luci Meire de Oliveira. 2015)

As narrativas contemplam histórias sobre as memórias de identificação com o meio rural, das práticas em sala de aula e dos processos de formação. Além disso, emerge nas narrativas práticas pedagógicas, as quais são sustentadas pelas orientações e experiências de professores rurais.

Observa-se ainda que as professoras Telma e Luci Meire se lembram dos nomes das primeiras professoras, bem como algumas práticas vivenciadas naquele período e que foram incorporadas ao habitus docente, como professoras.

O habitus para Bourdieu (1983) consiste em uma matriz geradora de comportamentos, visões de mundo e sistemas de classificação da realidade que se incorpora aos indivíduos, o mesmo tempo em que se desenvolve nestes, seja no nível das práticas, seja no nível da postura corporal destes mesmos indivíduos. Deste modo, o habitus é apreendido e gerado na sociedade e incorporado nos indivíduos. O habitus é um grande organizador de nossos hábitos, é o que dá sentido às nossas ações quando estamos em sociedade. Assim, Bourdieu evidencia que,

É a sua posição presente e passada na estrutura social que os indivíduos, entendidos como pessoas físicas, transportam com eles, em todo tempo e lugar, sob forma de habitus. Os indivíduos "vestem" os habitus como hábitos, assim como o hábito faz o monge, isto é, faz a pessoa social, com todas as disposições que são, ao mesmo tempo, marcas da posição social e, portanto, da distância social entre as posições objetivas, entre as pessoas sociais conjuntamente aproximadas e a reafirmação dessa distância e das condutas exigidas para "guardar suas distâncias" ou para manipulá-las estratégica, simbólica ou realmente reduzi-las, aumentá-las ou simplesmente mantê-las (1983, p. 75).

No entanto, a narrativa da professora Márcia nos permite inferir a ideia de Ricoeur sobre o esquecimento, quando afirma,

De um lado, o esquecimento nos amedronta. Não estamos condenados a esquecer tudo? De outro, saudamos com uma pequena felicidade o retorno de um fragmento do passado arrancado, como se diz, ao esquecimento. As duas leituras prosseguem no decorrer de nossa vida – com a permissão do cérebro (RICOEUR, 2007, p. 427).

Partindo do pressuposto que não há uma memória plena no ser humano, a construção real da memória é derivada da potencialidade do esquecimento. O esquecimento momentâneo de algo é o mecanismo que torna possível a rememoração, ou seja, o ato de trazer à tona a lembrança. A professora Márcia vivenciou uma trajetória escolar na infância, onde a relação pedagógica foi complicada, levando-a a modificar sua prática pedagógica.

É fundamental dizer que as quatro professoras afirmaram não terem tido na infância o sonho de ser professora, mas que chegaram ao magistério para atender uma demanda da região. Contudo, as narrativas sobre o ingresso e as primeiras experiências docentes são ricas e diversas. Dentre as quatro professoras, apenas uma, a professora Márcia teve orientação pedagógica durante todo o percurso na escola pesquisada. Já as professoras Neusa, Telma e Luci Meire tiveram grandes dificuldades nos primeiros anos da carreira, pois havia cobrança de resultados, sem capacitação e apoio pedagógico.

[...]. Eu só tive orientação de dois aqui na cidade. No mais era através dos livros didáticos. Cada criança tinha o seu e através do livro eu ia desenvolvendo as atividades, eu realmente não tinha quem me ajudasse. Foi eu e eu mesmo. Na época eu tinha medo por isso, eu nunca tinha dado aula e começar sem ajuda. Ninguém da secretaria ia lá. Então foi uma batalha que eu consegui vencer. (Entrevista, Neusa Dias de Oliveira. 2015)

[...]. No primeiro ano a coordenadora foi uma vez na escola. Eu fui lá na secretaria, eles me passaram o que tinha que fazer no início do ano e eu fiquei sozinha. A visita ocorreu em outubro, já no fim do ano. Foram verificar como eu estava me saindo, ver os resultados. Disseram que estava bom. (Entrevista, Luci Meire de Oliveira. 2015)

A narrativa a seguir nos apresenta o movimento da aprendizagem que compõe o percurso formativo da professora Márcia, demarcado por opiniões e escolhas.

[...]. Um fato que eu nunca esqueci: quando eu era criança meu pai e minha mãe nunca fizeram um bolo de aniversário para mim, nunca, nunca, compravam um presente, mas não entendia a ignorância do meu pai nesse sentido de não entender o sentimento de uma criança. Eu queria um bolo, sabe um bolo de aniversário e eles nunca fizeram. No primeiro ano que fui dar aula, nunca me esqueço, os alunos fizeram para mim um bolo branco e cantaram uma música (Nesse momento a depoente cantou parte da melodia). Oh professora querida! A sua voz é tão bonita! E eu chorei, chorei... Gente se soubesse disso, tem coisas que acontecem nesta profissão que o dinheiro não

paga, foi algo que eu nunca vou esquecer, nem dos meus alunos daquela época, dos meus primeiros alunos, assim como o primeiro amor, nunca vou esquecer deles! (Entrevista, Márcia Salustiano Carvalho Leão. 2015)

Um fato que chama atenção, nas narrativas, é a percepção das professoras em relação aos alunos da escola rural. Para elas, esses alunos são mais respeitosos e carinhosos. Assim, constatamos que há características da cultura rural sobrepostas nessas percepções. O homem do campo é tido como respeitoso, humilde, assim esse habitus, essas disposições, estariam sendo transferidas para os alunos ou já fariam parte do habitus incorporado na socialização familiar.

A professora Neusa no exercício da docência explicita sua opinião com relação ao nível de aprendizagem dos alunos da zona rural, conforme narrativa a seguir,

[...]. As crianças como as da cidade. Tinham os mais tímidos, outros mais custosos, que faziam arte, mas tudo normal, aqueles que aprendiam mais rápido, outros que tem que trabalhar mais. Eram quatorze crianças. Era muito bom, carinhosos. Eles desenvolviam bem. Como falei no início eles foram bem. (Entrevista, Neusa Dias de Oliveira. 2015)

A respeito da relação com os alunos e o comprometimento com sua prática docente, a professora Telma pontua na narrativa abaixo,

[...]. As pessoas me criticavam dizendo que eu era boba de ficar fazendo aquele trajeto carregando água, ficando com luz de vela e sem receber..., mas eu sempre respondia que não iria deixar as crianças, que amor que eu tinha neles e eles por mim já me incentivava, não deixaria as crianças eles sem escola, porque era importante eles estudarem. Eu tive que sair. Os alunos choravam eu também. Foi uma choradeira! Porque o amor das crianças para mim é muito importante. O carinho e alegria deles fizeram com que valesse a pena. Se precisasse faria tudo de novo. (Entrevista, Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira. 2015)

Em se tratando da relação com os alunos e com os pais, ressaltando a facilidade de conviver com as pessoas da zona rural, a professora Luci Meire considera que,

[...]. Os meus alunos que são os menores, são meigos e carinhosos, não tenho dificuldade para trabalhar com eles. Os pais participam, gostam de vir na escola para saber como estão seus filhos, o rendimento e desenvolvimento deles.

Sempre que precisamos de alguma coisa, podemos contar com a colaboração dos pais. (Entrevista, Luci Meire de Oliveira. 2015)

As experiências na carreira profissional envolvem a construção de sentimentos, como segurança e confiança que são edificados no espaço escolar e na sala de aula. A relação com os alunos é parte indissociável desse processo. A satisfação em contribuir para o sucesso do aluno é ressaltada pela professora Márcia na narrativa abaixo.

[...]. Estar com os alunos, fazer parte da vida deles e eles da minha, esse vínculo é muito importante. Hoje aqui na escola nós temos caso de alunos que já se formaram, tem a Caroline que no próximo ano se forma em odontologia, o Claudinho que está na USP e muitos aqui serão grandes profissionais, médicos, etc. quem sabe professores da minha neta. (Entrevista, Márcia Salustiano Carvalho Leão. 2015)

No tangente ao assunto em questão, as professoras se sentem mais valorizadas e situadas numa posição de autoridade, de reconhecimento social diante dos alunos, bem como de suas famílias e da comunidade. Outro fato relevante, é o número de alunos reduzido que contribui para que as professoras tenham um ambiente de ensino aprendizagem mais tranquilo.

Independente das dificuldades e condições enfrentadas, as quatro professoras fizeram a formação mínima para a docência na primeira fase do Ensino Fundamental. Sendo Neusa, Telma e Luci Meire através do Proformação e apenas a Márcia o Magistério convencional. É importante analisarmos nosso passado enquanto sujeitos de nossa própria história, para, a partir daí, repensarmos o futuro. No caso de professoras, refletir sobre a formação as faz repensar suas práticas.

O campo escolar¹ em áreas rurais quase sempre foi ocupado por professoras leigas, portanto um mercado aberto para habilidades, em princípio, de nível médio. Neusa e Luci Meire iniciaram suas carreiras no magistério com o Ensino Médio completo, porém

¹ Os campos são resultados de processos de diferenciação social, da forma de ser e do conhecimento do mundo e o que dá suporte são as relações de força entre os agentes (indivíduos e grupos) e as instituições que lutam pela hegemonia, isto é, o monopólio da autoridade, que concede o poder de ditar as regras e de repartir o capital específico de cada campo (BOURDIEU, 1983:114).

em outra área de formação. Telma possuía apenas o Ensino Fundamental completo. E apenas a professora Márcia iniciou sua carreira docente com magistério a nível de Ensino Médio. Vale ressaltar que hoje todas estão qualificadas a nível de especialização na área da educação. É perfeitamente plausível a hipótese de que a permanência das professoras nas escolas rurais se deve aquelas que se mantiveram na zona rural e reproduziram o habitus da cultura rural, exceto para uma delas, a professora Neusa, que reside na cidade.

A análise das narrativas demonstra que a diversidade das lembranças apresentadas pelo grupo de professoras, pode ser justificado em parte, pelos diferentes modos de interpretação do passado à luz do presente. As lembranças não estão, portanto, estáticas, tão pouco ficam armazenadas na memória pronta e acabada. O ato de recordar é dinâmico, assim como o conteúdo da memória que sempre se renova, principalmente se estimulado. Isso nos ajuda a reviver, refazer e conservar determinadas lembranças. Como explica Ecléa Bosi:

Traços novos se afluam, outros se apagam conforme as condições da vida presente, dos julgamentos que somos capazes de fazer sobre seu tempo. [...]. Tal como as plantas, que na estação da seca se imobilizam e brotam nas primeiras chuvas, certas lembranças se renovam e em certos períodos dão uma quantidade inesperada de folhas novas. Como a planta que se fortalece a enxertia – outros ramos se nutrem de suas raízes e frutificam com vigor renovado, chamando para si a seiva dos galhos originais – a enxertia social não deixa que as lembranças se atrofiem (Bosi, 2001, p. 426)

A pesquisa evidenciou através das narrativas a multiplicidade de fatores envolvidos na constituição do universo psíquico da pessoa. A riqueza de detalhes e as nuances reveladas pelos depoimentos confirmam, portanto, a natureza complexa da constituição das singularidades, cuja análise não merece ficar reduzida ao enquadramento em tendências lineares tampouco fatores isolados. Os resultados desta investigação corroboram, portanto, os postulados da abordagem histórico-cultural. Por esta razão, o percurso profissional dos professores do ensino rural deve ser interpretado com cautela, evitando generalizações precipitadas ou reducionistas. É preciso que se leve em consideração os fatores que concorrem para a constituição de suas singularidades.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Através das narrativas, foi possível absorver aspectos peculiares da formação, posturas e hábitos de aprender e ensinar tanto dos professores quanto dos alunos, assim como, as fortes relações entre a instituição e a vida pessoal e profissional explicitadas nas entrevistas. Assim, por meio das narrativas, observou-se que cada história individual se fez e se refez fortemente influenciada e condicionada ao contexto da escola. Ao narrar sobre a escola, suas alegrias, crenças, mitos, tradições, angústias, os narradores entrelaçaram leituras acerca das suas próprias vidas, aproximando-se com o universo social, familiar e cultural da comunidade rural.

REFERÊNCIAS

Livros:

- ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Eclea. Memória e sociedade. Lembranças de velhos. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.
- CHARTIER, Roger. À Beira da Falésia. A história entre certezas e inquietude. Porto alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 2002.
- FISCHER, Beatriz Terezinha Daudt. Professoras: histórias e discursos de um passado presente. Pelotas: Seiva, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.
- LE GOFF, J. História e memória. 4ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, T. T.(Org). O sujeito da educação: estudos foucaultianos. Petrópolis : Vozes, 1994. p.35-85.

OLIVEIRA, Leda Maria Leal de. Memórias e experiências: desafios da investigação histórica. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. Muitas memórias, outras histórias. São Paulo: Olho D'água, p. 263- 281, 2004.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente? Projeto História. São Paulo: Educ, 1997, n. 14, p. 33-7.

RICOEUR, Paul. A memória, a história e o esquecimento. Campinas: Unicamp, 2007.

VIDIGAL, A. C. Viva a empresa familiar. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

Fontes Orais:

LEÃO. Márcia Salustiano Carvalho. Entrevista concedida em 29/09/2015. (60 min.). Nasceu no dia 31/08/1968 no município de Ituiutaba-MG. Iniciou suas atividades docentes na EMREF Água Mansa Coqueiros no ano 2003, atuando até a realização da pesquisa.

OLIVEIRA. Luci Meire de. Entrevista concedida no dia 10/12/2015. (45 min.). Nasceu no dia 27/03/1970 no município de Caçu-GO. Iniciou suas atividades docentes na EMREF Água Mansa Coqueiros no ano de 2002, atuando até a realização da pesquisa.

OLIVEIRA. Neusa Dias de. Entrevista concedida no dia 21/05/2015. (46 min.). Nasceu no dia 05/07/1959 no município de Rio Verde-GO. Foi professora na escola de 1998 a 1999, em condições precárias de infraestrutura.

OLIVEIRA. Telma de Fátima Cruvinel de. Entrevista concedida no dia 10/12/2015. (60 min.). Nasceu no dia 20/08/1969 no município de RIO Verde-GO. Ex-professora da EMREF Água Mansa Coqueiros. Exerceu suas atividades docentes nos momentos de transição, enfrentando várias dificuldades.